

BIOTECNOMA: ESCRITAS PERFORMATIVAS**Raimundo Kleberson de Oliveira Benicio¹**

RESUMO: O texto é um compartilhamento de escritas performativas elaboradas a partir de um Corpo-em-pesquisa-ação em contato com seu objeto de pesquisa. Pensa-se a escrita performativa como uma reorganização de materiais elaborados pela prática, seja artística ou pessoal. Parte destes escritos são repletos de imagens poéticas, de uma reflexão sobre o corpo em vida/corpo em arte que surgiram por meio da disciplina Laboratório de Performance, ministrada, em 2019, pela Professora Ciane Fernandes, cujo incentivo permitiu uma investigação do corpo em movimento, levando em consideração o teor performativo de cada pesquisadora e pesquisador, contexto em que a escrita se materializa com diversas inquietações pessoais.

PALAVRAS-CHAVES: Escrita Performativa; Processo Criativo; Virtualidade.

BIOTECNOMA: PERFORMING WRITING

ABSTRACT: The text shares performative writings elaborated from a Body-in-action-research in contact with its research object. Performative writing is thought as a reorganization of materials elaborated by practice, whether artistic or personal. Part of these writings are full of poetic images, of a reflection on the body life/body in art that arose through the discipline Performance Laboratory, taught in 2019 by Professor Ciane Fernandes, whose encouragement allowed an investigation of the body in motion, taking into consideration the performative content of each researcher, a context in which writing materializes with different personal restlessness concerns.

292

KEYWORDS: Performative Writing; Creative Process; Virtuality.

¹ Artista Múltiplo. Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas: PPGAC/UFBA. FAPESB. Mestrado. E-mail: kleberbeniciop@gmail.com

INSTINTO INTRODUTÓRIO

Se dizer uma palavra depende de processos físicos, por que não criar palavras novas, que independam de um conceito intelectual sobreposto a uma coleção de sílabas? O objetivo é abrir, no sistema nervoso, tantos canais quanto seja possível, que respondam a uma palavra quando ela é recebida ou concebida pelo corpo. Enquanto a boca molda fisicamente as vibrações, o corpo é contaminado por um movimento próprio, interno, que se manifesta até o exterior (LOPES, 2013, p. 46).

Neste texto, é elucidado um compartilhamento de escritas performativas elaboradas a partir de um corpo em movimento, de seus instintos criativos em contato com seu próprio objeto de estudo. Se a escrita performativa como Ciane Fernandes (2008) observa, pode ser encarada como o texto sendo “outra performance, que gera outra performance (cena)” (FERNANDES, 2008, p. 3), a escrita pode se diluir através daquilo que flui na medida em que o corpo se encontra em movimento e conectado consigo mesmo no espaço de investigações corporais/ou realizando suas atividades cotidianas.

Escrita performativa pode ser aquela organizada pela prática, a partir da prática, em modos imprevisíveis, inclusive os mencionados acima. Assim, a arte deixa de ser apenas um produto ou mesmo um processo a ser descrito, analisado e inserido em outros moldes (por mais abertos e dinâmicos que sejam), e passa a ser em si mesma o modo de (des)organizar discursos e métodos, bem como questionar a imposição de resultados quantitativos. Ou seja, a prática artística passa a ser a chave-mestra que acessa, conecta e/ou confronta os demais conteúdos, trazendo uma contribuição única para o contexto acadêmico, que muitas vezes torna-se estagnado com seu excesso de regras e normatizações (FERNANDES, 2014, p. 2).

293

A organização abstrata dos materiais surgidos na prática não se unifica estaticamente, mas se torna flexível como eixo norteador para ilustrar uma possível imagem gerada pelo próprio processo criativo desse corpo-em-pesquisa-ação, justamente porque sua escritura pode evidenciar - suas próprias leituras (artigos, teses, dissertações, dentre outros) de suporte para seu objeto e do próprio contexto em que está inserido.

O contexto que se insere esse compartilhamento, emerge da pesquisa de Mestrado que se encontra em andamento intitulada: *A Materialização do Olhar: da Espectadora Ausente ao Presente*, adequada à linha de pesquisa - Somática, performance e Novas Mídias, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia/PPGAC/UFBA com orientação da professora doutora – Deolinda Catarina França de Vilhena.

Meu objeto de estudo se configura ao tensionar o lugar da recepção para além do teatral, nesse sentido, uma ampliação em diversas perspectivas diretamente relacionadas aos aspectos de interatividade ao que se percebe com a expectativa que se instaura com a recepção virtual durante a fruição ao objeto.

Parte destes materiais evidenciados no tópico a seguir, são escrituras performativas em processo, alguns, surgidos a partir da disciplina Laboratório de Performance, ministrada pela Professora Ciane Fernandes, do PPGAAC/UFBA, no período de agosto à dezembro de 2019, cujo incentivo permitiu uma investigação do corpo em movimento, levando em consideração o objeto de estudo de cada pesquisadora e pesquisador nos encontros, bem como, através das leituras bibliográficas e desse corpo em movimento, no cotidiano e relações com a virtualidade.

No decorrer da disciplina, realizei um convite à artista-pesquisadora Barbara Leite Matias (que faz parte do meu objeto de estudo de pesquisa no mestrado) para trocar alguns materiais que elaborei durante minhas investigações no Laboratório de performance, estes sendo também reflexões de meu corpo-em-pesquisa-ação e que me serviram posteriormente, para a organização desse texto.

Meu intuito é um compartilhar desses escritos, considerando sua performatividade (entendido como acontecimento) enquanto minha materialização de experiência. Que vem antes de tudo, de meu próprio contato com a virtualidade e primeiras reflexões sobre meu objeto de estudo *in process*.

No laboratório de Performance, investigamos as relações com o “Movimento Autêntico” - movimento enquanto dinâmica em contato com outro corpo (PALLARO, 2007), dentre outras relações corporais. Nestes encontros, sempre tivemos folhas de papel, giz e lápis que, nos serviram como suporte para transcrever nossas reflexões sobre o corpo.

Ciane Fernandes ao refletir em seu ensaio *Entre Escrita Performativa e Performance Escrita: O Local da Pesquisa em Artes Cênicas com Encenação* (2008), elucida algumas provocações quanto a este território desse corpo-pesquisa. Para ela, os nortes e fluxos de materiais que são elaboradas com esse corpo, reverbera na medida em que ela é transcrita, seja através de desenhos, textuais ou verbais.

Figura 1 e 2. Laboratório de Performance do PPGAC/UFBA, Instituto de Artes Humanidades e Ciências, (IHAC/UFBA), agosto de 2019. Fonte: Ciane Fernandes. Arquivos pessoais do autor.

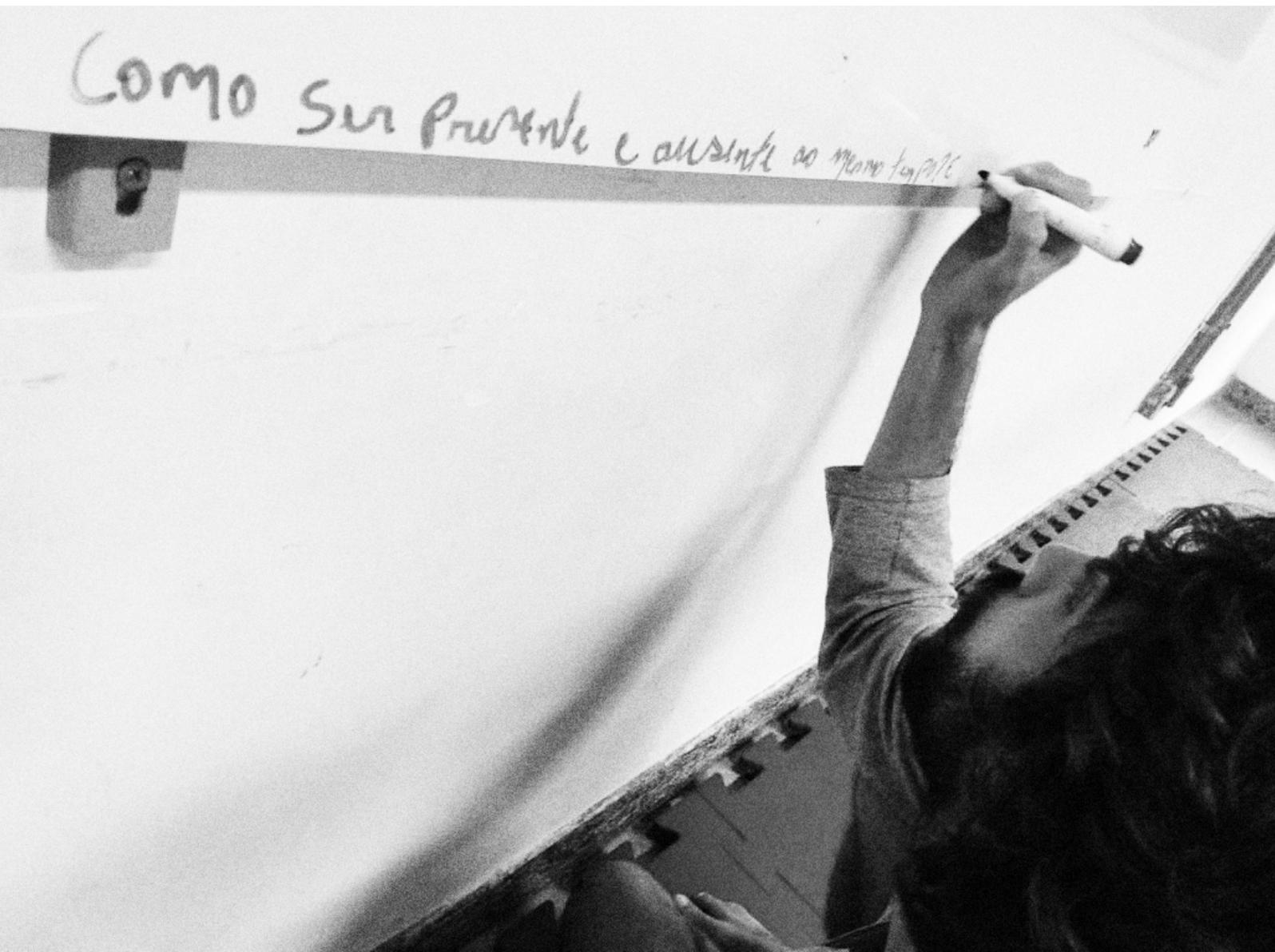




Figura 3 e 4. Laboratório de Performance do PPGAC/UFBA, Instituto de Artes Humanidades e Ciências, (IHAC/UFBA), agosto de 2019. Fonte: Ciane Fernandes. Arquivos pessoais do autor.



Diversas questões pessoais são geradoras de escritas performativas, elas partem como um eixo próprio do sujeito que se inquieta com as indagações do seu próprio objeto de estudo e corpo em relação com a e o outro, “Começamos a escrever a partir daquilo que flui como movimento, e que pouco a pouco se define como elemento-eixo da pesquisa, a partir de uma organização ainda não conhecida, própria do então sujeito (ex-objeto) de pesquisa” (FERNANDES, 2008, p. 2). Ou seja, durante a investigação corporal, estamos imersos nas primeiras partículas da pesquisa, ela pode aparecer, mesmo que, implicitamente, no corpo enquanto movimento durante as investigações em sala de encontro.

A relação estabelecida entre autor e leitora permitem uma incursão que aborda e induz imagens simbólicas que extrapolam o próprio campo do sentido, tanto para quem escreve como para quem frui, justamente por ela ser múltipla-performativa e efêmera, se levarmos em consideração o possível caos gerado com o material que o corpo transcreve, desenha, compartilha para a outra.

A escrita performativa que advém desse corpo em movimento, muitas vezes estático; se levarmos em consideração nosso posicionamento em frente ao computador quando paramos para materializar os escritos e as indagações, as questões fazem parte de uma mutabilidade do próprio pesquisador. A busca por uma relação entre um sentido que possa facilitar o processo de compreensão para quem frui, parece evidenciar uma relação de um jogo, a qual o próprio pesquisador na tentativa de se compreender, lança luz a suas próprias produções imaginárias e caóticas para reorganizar seu fluxo de pensamento labiríntico.

Essa relação de convite de leitura como um jogo, pode possibilitar um mergulho em no/seu processo criativo escrito. Desta maneira, a expectativa de quem frui e como será entendida por meio desta experiência com os escritos coloca a leitora/or em um estado de “coautoria-perfomática”, na perspectiva da pesquisadora Juliana Leal (2008). A recepção enquanto compartilhamento de escrita, pode ser um polo criativo para se efetivar uma relação de dupla comunicação e sentido quando as percepções se entrecruzam pelo meio da produção captada.

Atribuir uma natureza performativa à escrita literária poderia se justificar, entre outras coisas, pela identificação de uma encenação do si mesmo da palavra para um outro, isto é, do verbo para o sujeito, na qual aquele (verbo) se vê movido por

um desejo de se deslocar, provisoriamente, da página impressa e de se inscrever (a partir de uma reescrita ou de uma escrita outra, realizada pelo leitor) na efemeridade performática da tela da consciência ou da imaginação do receptor. De tal sorte que um texto literário final só poderia existir se o leitor/espectador fosse também seu escritor (um co-escritor performático) e não apenas mero decifrador de enigmas e jogos narrativos engendrados pelo autor do texto impresso (LEAL, 2008, p. 1).

Dito de outra maneira, quem entra em contato com o material elaborado pela pesquisadora, quais sejam, a reconfiguração imaginária do sentido pode tornar-se um território em que o olhar de quem frui retorne para si em uma perspectiva distinta. Com isso, no tópico a seguir compartilho diversas frases elaboradas com os materiais da disciplina, bem como minha relação com a virtualidade para a elaboração da materialização escrita sobre as reflexões do meu corpo-ação.

BIOTECNOMA² - CENTELHA/ESCRITAS PERFORMATIVAS

“Pesquisas são somas que performatizam seus caminhos inovadores e imprevisíveis, por isso mesmo, coerentes com suas estruturas particulares no/com o todo”. (FERNANDES, 2013, p. 31). A pesquisa como performatividade do corpo implica em uma série de caminhos autônomos para artistas-pesquisadores, uma vez que há um recuo ao caráter quantitativo, ela vem, antes de tudo, da experiência empírica, da ação e, sendo assim, as implicações que podem ser geradas enquanto materiais elaborados são suportes para reflexões futuras.

Nem sempre o entendimento desses materiais a princípio, podem transparecer coerentes, mas é exatamente esse território labiríntico, que inspiram muitas escritas que vem de um acontecimento imprevisível. “A relação entre a prática e a pesquisa acadêmica não é algo novo, porém, há sempre rumos inusitados a serem traçados, uma vez que esta é a função da pesquisa” (FERNANDES, 2014, p. 1).

Cabe nesse sentido, à pesquisadora e pesquisador selecionarem os melhores percursos para a facilitação de suas reflexões. O que pomos em evidência é que o método de pesquisa em ação tem como norte a própria experiência estética do seu movimento corporal e seus materiais criados com suas relações ao objeto, ela desafia, dessa maneira, os procedimentos de análises e coletas das pesquisas com métodos moldados.

2 Palavra poética como uma metáfora sobre o contato com a virtualidade e suas implicações.

Deste modo, compartilho nas escrituras, por conseguinte, a fluidez de um método flexível, na tentativa de proporcionar uma experiência estética literária, para em seguida, tencioná-la como um labirinto de possibilidades. Já que devido ao caos implicado na desordem das palavras são uma mutabilidade pessoal enquanto artista-pesquisador.

Para onde vai o que sai do nosso corpo?
 Para onde vai o que o corpo expele?
 Para onde vai a saliva que beijei semana passada?
 Para onde vai a goza quando me masturbo?
 Para onde vai o púbis que me depilo uma vez ao mês?
 Para onde vai o amor que estava em mim naquele momento em que eu te vi olhando para mim e depois você se desviou?
 Para onde vai esse desejo enorme de te ver e você visualiza e não me responde?
 Para onde vai as noites de lágrimas sozinho no escuro deitado na minha cama?
 Para onde vai o bagaço do meu peito colado no teu?
 Para onde vai essa sensação de desânimo constante?
 Para onde vai o suor que esfria meu corpo quando pedalo na orla do Rio Vermelho?
 Para onde vai toda aquela incerteza da aula que tive nas quintas-feiras quando em contato com os corpos dxs outrxs?
 Para onde vai o otimismo que tudo vai dar certo?
 Para onde vai minha espera de te encontrar novamente e colar minha pele na tua?
 Para onde vai estas palavras cuspidas às 21:42 neste dia três de dezembro de 2019?
 Não me perguntem de onde tiro minhas palavras, elas têm vida própria quando sento na frente do computador com as pernas cruzadas escutando música.

Uma partícula em um momento se esbarra em outra, a conexão se dá por alguns segundos, uma partícula se conecta mais do que a outra e elas se separam, mas algo mudou naquele encontro, algo atingiu uma micromolécula interna, inacessível. O tempo esvai para ceder a uma violenta decisão de desapego, a partícula segue seu rumo e se esbarra em outras que permitem outras conexões, mas a sensação não é a mesma e algo parece não ser preenchido, o quão errado seria na insistência de um reencontro? Ali, duas partículas se uniram por algum prestígio, um dilatar-se momentâneo, cada um na sua vibratura particular, no entanto, ceder, exige um aflorar. Aflorou-se, todavia com isso vieram também resquícios de outros elementos.

Filtrar-se no outro e conhecê-lo assusta. Que corpo seria desse reencontro no unir-se? Outro corpo, outra acepção, outra vibratura. Entretanto, para um, fica-ficou a arte do desencontro pela decisão violenta de deixar-se ir sem abrir mão do seu sentir. Sentir algo

que despertou, reverbera no corpo incompleto que vaga pelo seu percurso. Há momentos que aflorar-se consigo em seus momentos precários, possibilita o acesso ao unir-se com o outro que é revisitado e transpira suas sensações pelo corpo como o sangue que flui lentamente por cada linha, a linha que parece não se findar e se recai para o ser que está desalinhado consigo mesmo. A falta preenche o nada, para ser acessível ao aflorar-se denso. Querer é tão errado que delimitamos nossas decisões de não querer. Abrir-se quando? Com quem? E para quê? Juntar como um pacto de não retornar parece nos aproximar do nada.

Em que momento a partícula encontra o unir-se aflorado com alguém que se aflorou por algum momento e que decida aflorar-se com frequência? Aflorar-se significa a aceitação não do encontro, mas do conhecimento ao pouco até deixar-se ser o que realmente é. O transformar-se é mito. Um corpo no mundo pressionado, preciso, esmaga o aflorar aos poucos para dar lugar a uma permanência constante de rupturas com o tempo. Parados ficamos por alguns milênios, e o aflorar-se é substituído por o esquecer-te, esquecemos; e o tempo nos apaga aos poucos. Contudo, resta uma faísca, quase morta, cinza, que insiste em reacender mesmo cansada. O tempo só serve para nos apagar e esquecermos de nós para trocarmos de pele e unir-se consigo impróprio.

BIOTECNOMA nasceu em uma tarde de domingo (setembro de 2019) quando me vi limpando tudo para preencher meu tempo, naquele mesmo dia entrei na sala do bate-papo uol, fiquei observando e tentando interagir com as pessoas de Nicks dos mais variados possíveis. A conversa se modificava de acordo com o gosto do sabor na boca da criatura que aparentava estar desesperada para um encontro. A situação não é diferente destes outros aplicativos de relacionamentos, uma sensação de exposição/anonimato e prazer que não preenche um vazio que te obriga internamente a está ali. A coisa não anda e aos poucos as horas são preenchidas com o nada, com a perda de tempo.

O corpo ao mesmo tempo revela e é revelado pelo sentimento de estar preso a alguém. A realização satisfaz o gozo? Ou o vazio de estarmos não sendo consigo mesmos é o que preenche esse vazio?

Agir-se, escrever em uma posição que acostumamos a vida inteira, parece cavar várias memórias que despertam quando escrevemos. E os dedos deslizam sem parar ao som da música que toca neste momento: James Blacke – *Life Round Here*.

A pesquisa não vem apenas desse corpo em movimento, mas deste corpo em constante estado de desconforto, nunca parado, embora a situação pareça evidenciar. A escrita torna-se performativa na medida que cuspo estas palavras e libero todo meu pensamento desvelado.

Sentir alguém te vendo provoca um dilatar-se. Porém, já pararam para pensar que quando alguém nos olha, entramos em transe? A câmera vista por uma perspectiva que recorta apenas um fragmento espacial e temporal da minha realidade, deitado na cama confortável, mas com muito calor, parece ser seguro para mim este compartilhar desse **Bio-Vida e Tencno-logia-** com o **noma-erosões**, de mim comigo mesmo e com tu que não desviou teu olhar para mim enquanto eu te dizia estas coisas caóticas.

A rotina é um turbilhão tão enorme que às vezes atropelamos as sensações de alguns pequenos momentos importantes. Sempre tive a sensação de que não valorizei o momento presente. Por que sentimos tanta falta do que se passou? Ou deixamos de viver o agora? O momento presente parece converter-se em uma urgência imediata que se configura em uma organização de atividades futuras que ao serem concebidas descavam sensações de realização e ao mesmo tempo de um desperdício de tempo. Projetar-se para o futuro quase sempre gera tal reflexão. Quanto tempo perdi buscando ter tempo?

A vida vai passando e você aprisionado, não sabe se volta, se fica ou se avança para a próxima etapa. Quantas palavras perdidas e ditas nesse pequeno intervalo de tempo foram jogadas ao vento? Palavras esquecidas e construídas com muita dedicação e amor, de que vale tudo isso no final?

Horas investidas em um futuro tão (distante?) Próximo? A vida vai passando e você aprisionado, um minuto a menos aqui nesse plano, esperando que as coisas melhorem e fechem-se os ciclos, de que vale? Vai melhorar (dizem)... Vai? Não, melhor ser realista e encarar como um simples momento da sua vida em que você está no buraco, é só uma fase...

Um encontro: dois olhos se cruzam, pupilas dilatam, um sorriso meio aberto, sem dentes que é para não parecer antipático, enquanto isso, a cada palavra compartilhada uma pessoa deve estar se despedindo de nós nesse momento.

O estar em casa: 70 litros de desafeto. 1 kg de paciência, 0,50 gramas de choro azedo, vencido; 2 kg de desgosto, 1g de esperança, ½ kg de otimismo, tenho que dividir tudo para 10 pessoas que também têm fome e sede, dividimos... amanhã tudo desce (ou não) e a natureza termina seu trabalho, decompõe-se.

A OLHADELA COM RETORNO A SI

Em *A inversão da Olhadela: alterações no ato do espectador teatral*, Flávio Desgranges (2012), lança pistas de efeitos da percepção no ato do acontecimento, para ele as relações com o objeto alteraram-se devido a um rompimento estrutural da cena e inauguração de um jogo lúdico no qual é o próprio objeto artístico quem invade a percepção das fruidoras, não mais apenas a uma fuga de si para o polo interno da obra. Essa reflexão não se reduz apenas na perspectiva da cena, a inversão da olhadela pode aparecer na relação com a experiência compartilhada através das próprias escritas performativas, ou seja, da experiência poética.

A hipótese que fica nesse sentido, é que a experiência poética se dá através de elementos de significação, pois esta materialização advém de uma produção não aurática³ na medida em que a leitura é [re]organizada de modo singular no acontecimento e na leitura do processo escrito quando materializado e compartilhado, a fruição faz emergir a teatralidade.

Na teatralidade recente pode-se observar uma inversão da relação travada entre espectador e proposta cênica. Se, no princípio estético do drama a constituição do mundo fictício convida o espectador ao mergulho, na cena recente – que se estrutura não como obra, mas como objeto artístico, que trabalha com a ideia de algo que não está pronto, e que para efetivar-se solicita ampla atuação do espectador - a recepção opera de modo avesso: o objeto artístico é que invade o espectador, atingindo-o em seu íntimo, fazendo surgir afetos, sensações, percepções, imagens, entre outras produções (DESGRANGES, 2012, p. 182).

3 “A experiência não aurática implica o espectador no ato artístico, de modo que a leitura só pode efetivar-se na própria produção participante, impingindo-o (sic) a uma atuação efetiva, já que passa necessariamente por suas entranhas” (DESGRANGES, 2012, p. 143).

Ou seja, a recepção estética se altera em razão das modificações sociais, fazendo com que as receptoras passem a ter uma relação diferenciada com a obra artística. No caso de algumas propostas interativas como a escrita do **Biotecnoma** compartilhada no tópico anterior, o convite proporcionou uma fruição lúdica e imaginária na própria leitura, possibilitando vias de acessos pessoais, colocando a leitora (co-criadora) em uma participação performática e desterritorializada (fora de solo presente ao acontecimento).

Essas possíveis percepções do co-criador performático produzem um olhar teatralizado, em razão das múltiplas possibilidades de leituras que se ficcionalizam com a percepção que se reinventa. Na medida em que os desdobramentos da proposta artística criam possíveis relações de coautoria, sua relação e direcionando para uma possível inversão da olhadela para si mesmo e acesso a outras experiências antecedentes pode ocorrer.

A lembrança é passado, mas atualizado em imagem, se torna presente, e interfere na ação do tempo imediato. Assim o passado não pode ser apreendido como passado, já que pode se manifestar em como imagem produzida no presente. O que emerge, a partir da lembrança do passado, se efetiva como imagem produzida no momento atual. Contudo, se uma lembrança para atualizar-se tende a viver numa imagem, a recíproca não é verdadeira, a produção de uma imagem não reportará necessariamente ao passado, a não ser que eu efetivamente vá buscá-la no passado (DESGRANGES, 2012, p. 162).

Dessa lembrança, pode surgir o arrebatamento e o estado de autopercepção da experiência revisitada e acionada, justamente pelo direcionamento estabelecidos com a necessidade que desafiam a busca de sentido e reelaboração de compreensão. Isso se dá, pela constante invasão de imagens que nosso imaginário produz com as palavras lidas.

[...] Qualquer interpretação final realizada pelo espectador nunca abarca os tantos lances forjados por ele no percurso, e mesmo as produções passageiras e descartadas no trajeto não podem ser desconsideradas em sua relevância, em seu potencial de sentidos e de efetivação estética. (SIMÕES; DESGRANGES, 2017, p. 347-348).

A empatia também pode ser acionada na medida em que a experiência antecedente seja acionada pelas imagens produzidas. A tradução enquanto narrativa pré-estabelecida do objeto, não é mais um fator dominante nas obras recentes, justamente pela necessidade em que elas atuam em possíveis violações e interferências, pela organização do acontecimento performativo das autonomias de escolhas.

CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SE ENCERRAM

As considerações desse corpo-em-pesquisa-ação não se encerram com pontos, todavia com diversas reticências que permitem um pensar sobre o contato com seu objeto de estudo. Destaco a respeito dos materiais elaborados com os encontros no laboratório de performance, diferentes desenhos e frases soltas, que serviram de suporte para a construção desse texto. As escolhas são arqueologias autônomas, reelaboradas como tentativa de materialização da experiência estética.

Uma das reflexões também desse processo de escrita, foi sobre como esse corpo-em-pesquisa-ação pensa e age diante das primeiras leituras para dar suporte ao objeto de estudo, e em que posição nosso corpo pode se encontrar, sendo um instrumento que pode contribuir para a escrita, assim como, atrapalhar o processo.

Reflexões dessas suposições revelam uma bússola aparentemente caótica, mas quando reunimos os fragmentos escritos avulsamente, as conexões podem aparecer com maior potencialidade.

Por vezes, o caminho parece nos sufocar diante da imensa produção de prazos que devemos dar conta. Contudo, pensar o objeto de estudo a partir deste corpo em movimento e dos seus materiais que emergem na investigação é criar outra relação ainda mais íntima. Além do que, a escrita performativa nada mais é que sua poética sobreposta em um labirinto materializado.

As escritas performativas do Corpo-em-pesquisa-ação permitem uma incursão na poética do escritor, assim como podem provocar alterações em suas percepções elencando, propondo revisitações, tecendo relações outras cotidianas. Repleto de imagens poéticas, as reflexões sobre o corpo/vida, incita uma série de percurso vivenciados com o contato de virtualidade e relação espacial, com a outra. A dinamicidade em que a pesquisa-ação desvelam novas formas de tensionamento aos materiais elaboradas, muitas vezes, avulsamente, extrapolam os modelos de pesquisas utilizadas com maior frequência. A pesquisa performativa tem em sua gênese a conexão de pontos empíricos do próprio pesquisador e sua reorganização material criados na/pela prática.

REFERÊNCIAS

DESGRANGES, Flávio. **A inversão da olhadela**: alterações no ato do espectador teatral. São Paulo: Hucitec, 2012.

FERNANDES, Ciane. Entre Escrita Performativa e Performance Escrita: O Local da Pesquisa em Artes Cênicas com Encenação. In: **Anais ABRACE**. V.9, n.1, 2008. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1607/1728>. Acesso em: 20 dez. 2019.

FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **Dança**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/9752>. Acesso em: 31 dez. 2019.

FERNANDES, Ciane. A Prática como Pesquisa e a Abordagem Somático-Performativa. In: **Anais do VIII congresso ABRACE**. 2014. Disponível em: <http://portalabrace.org/viii-congresso/resumos/mesas/A%20Pr%E1tica%20como%20Pesquisa%20e%20a%20Abordagem%20Som%E1tico-Performativa.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2020.

LOPES, Sara. Corporificando a Palavra. In: Enéias Farias Tavares, Gisela Reis Biancalana e Mariane Magno (orgs). **Discursos do Corpo na Arte**. Vol. 1. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

LEAL, Juliana Helena Gomes. Escrita performática latino-americana contemporânea. In: **XI Congresso da ABRALIC**, São Paulo, 2008.

PALLARO, Patrizia. (Org). **Authentic movement**: moving the body, moving the self, beingmoved. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2007. v. 2.

SIMÕES, Giuliana Martins; DESGRANGES, Flávio. Folias de Galileu: o espectador em ato performativo. **Sala Preta**. v. 17, n. 1, p.340-352, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/128183> . Acesso em 04 jun. 2018.

Recebido em: 29/02/2020
Aceito em: 30/07/2020